

# A rainha das faculdades\*

## Charles Baudelaire

**Tradução de  
Livia Cristina Gomes  
Revisão do português  
de Bernardo RB**

Ultimamente ouvimos dizer de mil maneiras diferentes: “Copiem a natureza; não copiem senão a natureza. Não há maior gozo nem maior triunfo do que uma cópia excelente da natureza.” E essa doutrina, inimiga da

\* [Nota da tradutora] Esta tradução foi feita a partir de: BAUDELAIRE, Ch. *Œuvres complètes*. v. 2. Curiosités esthétiques. Paris: Michel Levy Frères, 1868, p. 263-269. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1073236b/f279.image>.

arte, pretendia ser aplicada não apenas à pintura, mas a todas as artes, até mesmo ao romance e à poesia. Certamente a esses doutrinários, tão satisfeitos com a natureza, um homem imaginativo teria tido o direito de responder: “Acho inútil e fastidioso representar o que é, porque nada do que é me satisfaz. A natureza é feia, e prefiro os monstros de minha fantasia à trivialidade positiva.” Entretanto, ele teria sido mais filósofo se, de início, perguntasse aos doutrinários em questão se eles estavam bem certos da existência da natureza exterior ou, se esta questão tivesse parecido demasiadamente elaborada para o regozijo de sua causticidade, se eles estavam bem seguros de conhecer *toda a natureza*, tudo o que lhe está contido. Um sim teria sido a mais fanfarrona e a mais extravagante das respostas. Pelo que pude compreender dessas divagações singulares e aviltantes, o que a doutrina queria dizer, e eu lhe dou a honra de acreditar que ela queria dizer, é: O artista, o verdadeiro artista, o verdadeiro poeta, não deve pintar senão o que vê e o que sente. Deve ser *realmente* fiel à sua própria natureza. Deve evitar como a morte pedir emprestados os olhos e os sentimentos de um outro homem, grande que seja; pois as produções que ele nos daria seriam, em relação a ele mesmo, mentiras, e não *realidades*. Ora, se os pedantes dos quais falo (há pedantismo até mesmo na baixeza), e que têm representantes em todos os lugares onde quer que seja, uma vez que essa teoria agrada igualmente a impotência e a preguiça, não quisessem que a coisa fosse assim entendida, acreditemos então simplesmente que gostariam de dizer: “nós não temos imaginação, e decretamos que ninguém também a terá”.

Misteriosa faculdade é essa rainha das faculdades! Ela toca todas as outras; excita-as, envia-as ao combate. Assemelha-se a elas algumas vezes ao ponto de com elas se confundir e, todavia, é sempre ela mesma, e os homens nos quais ela não age são facilmente reconhecidos por não sei qual maldição que murcha suas produções como a figueira do Evangelho.

Ela é a análise, é a síntese; e contudo, homens hábeis na análise e suficientemente aptos a fazer um resumo podem ser privados de imaginação. Ela é isso, e não é de modo algum isso. É a sensibilidade e, porém, há pessoas muito sensíveis, talvez demasiadamente sensíveis, que dela são privadas. É a imaginação que ensinou ao homem o sentido moral da cor, do contorno, do som e do perfume. Ela criou, no início do mundo, a analogia e a metáfora. Decompôs toda a criação e, com os materiais apanhados e dispostos conforme regras das quais não se encontra a origem senão no mais profundo da alma, ela cria um mundo novo [*nouveau*], produz a sensação do absolutamente novo [*neuf*]. Como criou o mundo (pode-se bem dizer isto, creio, mesmo num sentido religioso), é justo que ela o governe. O que é um guerreiro sem imaginação? Pode ser um excelente soldado, mas, se comanda exércitos, não fará conquistas. O caso pode ser comparado ao de um poeta ou de um romancista cujo comando das faculdades foi retirado da imaginação e dado, por exemplo, ao conhecimento da língua ou à observação dos fatos. O que se diz de um diplomata sem imaginação? Que pode muito bem conhecer a história dos tratados e as alianças no passado, mas que não adivinhará os tratados e as alianças por vir.

De um sábio sem imaginação? Que aprende tudo o que, tendo sido ensinado, podia ser aprendido, mas que não encontrará as leis ainda não reveladas. A imaginação é a rainha do verdadeiro, e o *possível* é uma das províncias do verdadeiro. Ela é positivamente aparentada com o infinito.

Sem ela, todas as faculdades, tão sólidas ou tão agudas que sejam, são como se não existissem, enquanto a fraqueza de algumas faculdades secundárias, excitadas por uma imaginação vigorosa, é uma infelicidade secundária. Nenhuma pode lhe prescindir, e ela pode remediar [*suppléer*] algumas outras. Não raro, o que essas buscam e encontram somente após as tentativas sucessivas de vários métodos não adaptados à natureza das coisas, orgulhosa e simplesmente ela o adivinha. Enfim, ela desempenha um papel potente até mesmo na moral; pois, se me permitem, o que é a virtude sem imaginação? O mesmo que a virtude sem a piedade, a virtude sem o céu; algo difícil, cruel, esterilizante, que, em alguns lugares, se tornou carolice e, em outros, o protestantismo.

Apesar de todos os magníficos privilégios que atribuo à imaginação, não farei aos leitores a injúria de lhes explicar que, quanto mais é resgatada, mais ela fica potente, e que o que há de mais forte nas batalhas com o ideal, é uma bela imaginação que dispõe de um imenso arsenal de observações. No entanto, para voltar ao que antes dizia sobre essa permissão de remediar, e na qual a imaginação deve sua origem divina, quero dar um exemplo, bem pequeno, que vocês não desprezarão, espero. Vocês acham que o autor de *Antony*, do *Comte*

*Hermann*, de *Monte-Cristo*, seja um sábio? Não, não é? Acreditam que ele seja versado na prática das artes, que disso tenha feito um estudo paciente? Não muito. Creio até que isso não seja de sua natureza.

E então, ele é um exemplo que prova que a imaginação, conquanto não sujeitada à prática e ao conhecimento dos termos técnicos, não pode proferir besteiras heréticas numa matéria que é, em grande parte, de sua alçada. Estava há pouco num vagão, e esboçava o artigo que escrevo agora; pensava sobretudo nessa singular reversão das coisas que permitiu, no decorrer de um século, é verdade, em que, para castigo do homem, tudo lhe foi permitido, desprezar a mais honrosa e mais útil das faculdades morais, quando vi, jogado sobre o assento vizinho, um exemplar perdido do *Indépendance belge*.<sup>1</sup> Alexandre Dumas se encarregava de fazer a resenha [*compte rendu*] das obras do *Salon*. A circunstância me atiçava a curiosidade. Vocês podem adivinhar qual foi a minha alegria quando vi os meus devaneios plenamente verificados por um exemplo que o acaso me fornecia. Que esse homem, parecendo representar a vitalidade universal, elogiou magnificamente uma época que foi plena de vida, cantada pelo criador do drama romântico, num tom ao qual não faltava grandeza, tenho certeza disto, o tempo feliz em que, ao lado da nova escola literária, florescia a nova escola de pintura: Delacroix, os Devéria, Boulanger, Poterlet, Bonington, etc., uma baita

1 [N.t.] Renomado jornal belga de tendência liberal, fundado em Bruxelas em 1831, ano seguinte da independência do país. Sua última edição data de 10 de maio de 1940.

surpresa!, dirão vocês. É bem esse o seu caso! *Laudator temporis acti!*<sup>2</sup> Mas que ele elogiou espiritualmente Delacroix, que explicou claramente o gênero de loucura de seus adversários, e que foi até mais longe, até mostrar no que pecavam os mais fortes entre os pintores da recente celebridade; que ele, Alexandre Dumas, tão entregue, tão espontâneo, mostrou tão bem, por exemplo, que Troyon não tem genialidade e até o que lhe falta para simular o gênio, diga-me, meu caro amigo, você acha isso assim simples? Tudo isso, sem dúvida, estava escrito com aquele *desprendimento* [*lâché*] dramático pelo qual ele tomou hábito ao conversar com seu inumerável público; mas que graça e improviso na expressão do verdadeiro! Vocês já anteciparam minha conclusão: Se Alexandre Dumas, que não é um sábio, não possuísse satisfatoriamente uma rica imaginação, teria dito apenas besteiras; ele disse coisas sensatas e as disse bem, porque... (é preciso concluir) porque a imaginação, graças à sua natureza remediadora, contém o espírito crítico.

2 [N.t.] Citação de um verso da Arte Poética de Horácio sobre os encomiastas do passado. Segue-se a passagem mais completa do original, assim como a sua tradução brasileira: “Multa senem circumveniunt incommoda; vel quod / Quærit, et inventis miser abstinet, ac timet uti; / Vel quod res omnes timide gelideque ministrat; / Dilator, spe longus, iners, avidusque futuri, / Difficilis, querulus, laudator temporis acti / Se puero, censor castigatque minorum.” “Ao velho cercam muitos incômodos, ou porque procura e, coitado, depois de achar se abstém, temeroso de usar, ou porque em tudo que executa põe timidez e frieza, sempre adiando, pondo longe as esperanças, inativo, inquieto quanto ao futuro, impertinente, queixoso, gabando sempre o tempo passado em sua meninice, repreendendo e reprovando os mais novos.” (ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 60.)

Contudo, resta aos meus contraditores um recurso: afirmar que Alexandre Dumas não é o autor de seu *Salon*. Mas esse insulto é tão velho e o recurso tão banal que se deve abandoná-lo aos apreciadores de velharias, aos fazedores de *courriers* e de *chroniques*. Se eles já não o apanharam, certamente o apanharão.

Vamos entrar mais intimamente no exame das funções dessa faculdade *cardeal* (sua riqueza não lembra ideias de púrpura?). Vou lhes contar simplesmente o que ouvi da boca de um mestre e, do mesmo modo de quando eu verificava, com a alegria de um homem que se instrui, seus preceitos tão simples sobre todas as pinturas que caem sob o meu olhar, poderemos aplicá-los sucessivamente, como uma pedra de toque, a alguns de nossos pintores.

